

A CULTURA POPULAR DO BUMBA-MEU-BOI COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO PRESENTE NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR BENEDICTO JONAS CORREIA: ESTABELECENDO UMA RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE E O ESPAÇO ESCOLAR

Fabício Freitas dos Santos¹; Maise Aires de Araújo Costa²; Ana Sara Ferreira de Souza³; Airton dos Santos Souza⁴; Ériッサ Regina Silva de Souza⁵

*Universidade Estadual do Piauí – UESPI, fabryson@gmail.com;
Universidade Federal do Piauí – UFPI, maisinhaphb@outlook.com;
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, sarahpink2007@hotmail.com;
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Ayrton.gowdhem@hotmail.com;
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, erissa_reginna@hotmail.com*

Resumo: O objeto de estudo deste artigo é relatar a vivência do Bumba-meu-boi no espaço escolar, como agente de alfabetização, realizado na Escola Municipal Professor Benedicto Jonas Correia, no conjunto, Joaz Souza, em Parnaíba - PI. O artigo analisa a relação que a Escola estabelece com a comunidade em que está inserida, através do folguedo do Bumba-meu-boi. Mas também discute como a Escola atua enquanto centro cultural no bairro e enquanto agente de produção e construção do Patrimônio Cultural.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi; Patrimônio; Educação; linguagem.

INTRODUÇÃO

O crescente aparecimento de novas tecnologias na área de entretenimento, além de outros, vem contribuindo para que ocorram mudanças no cotidiano e, aqui nos atemos, em especial, dos educandos; promovendo cada vez mais o distanciamento dos rituais folclóricos e artísticos como, no caso, o da encenação da lenda do Bumba-meu-boi.

Entretanto, mesmo nesse contexto, percebe-se que há, ainda, grupos folclóricos resgatando e reencenando esta manifestação popular, o que contribui para a preservação e representação desta lenda: vida, morte e ressurreição do Bumba-meu-boi do legado da cultura açoriana.

Ao evidenciar-se o ritual do Bumba-meu-boi, identifica-se que, quando se cria e se emprega repetidas vezes uma mesma imagem, no caso deste espetáculo, em que o fenômeno mítico de morte e ressurreição do Boi são apresentados, mesmo em versões diferentes (cada região mantém sua tradição e montagem) se está, potencialmente, imprimindo um conceito ou uma ideia de mundo que poderá ser recriada ou copiada. Tal especificidade acentua a riqueza da linguagem



dessa encenação não só quanto ao imaginário (que nos reporta ao (s) mito (s) protagonista (s) da lenda com todo seu enredo de tramas e drama), mas, principalmente, quanto à construção da identidade cultural de um grupo (pela presença da inovação e improvisação em sua performance).

Salienta-se a relevância desse estudo, primeiramente, porque visa analisar a encenação do Bumba-meu-boi como signo linguístico e cenário anunciador de vozes sociais. Portanto, investiga-se como a representação desse mito, em forma de brincadeira, pode contribuir para o ensino e aprendizagem dos educandos. E, também, como as vozes sociais (polifonia e dialogia) na concepção de Mikhail Bakhtin possam estar presentificadas, anunciando caminhos que possam auxiliar na compreensão do fascínio das crianças por esse mito assim como a receptividade do público diante da inovação. E, ainda, faz-se inserções de sugestões a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem, em especial, envolvendo as crianças que frequentam o Ensino Fundamental.

Interessa-nos, principalmente, dar à encenação do Bumba-meu-boi a importância devida dentre as manifestações artísticas, para que este estudo possa de alguma forma servir de estímulo aos que tentam, como nós, vivenciar, cultivar e preservar o mito do Bumba-meu-boi e legitimar seu lugar às futuras gerações.

FOLCLORE: UMA ARTE QUE TRANSCENDE E IDENTIFICA

Embora o folclore seja classificado como arte popular, por deixar marcas de tradições e produções realizadas tanto por pessoas letradas ou não letradas, apresenta-se, fortemente, marcado pelas características inerentes as demais manifestações artísticas, tais como transcendência, autenticidade e universalização. A representação do Bumba-meu-boi pode ser classificada, também, como uma arte do povo, uma vez que mantém suas matizes de originalidade, improvisação e por ser uma manifestação que não se destina ao consumo, isto é, não se sujeita à industrialização ou produção de massa o que não se pode constatar no Boi de Parintins, no Amazonas, que perde um pouco da essência do mito original (o drama da morte e ressurreição do Boi) a cada apresentação ou espetáculo.

Neste sentido, evidenciamos a arte como um “fazer”. “A arte é um conjunto de atos pelos os quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Logo, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, “pode chamar-se artística” como afirma Bosi (1999, p. 13).

Portanto, aparece demarcada a concepção do folclore como manifestação artística. E pensar as manifestações artísticas, particularmente, o Boi de mamão, sinalizamos que já, a partir da montagem do espetáculo, há a dimensão do fazer.

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. [...] A arte é uma produção; logo, supõe trabalho. O movimento que arranca o ser do não ser a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmos do caos. *Techné* chamavam-na os gregos: modo exato de perfazer uma tarefa, antecedente de todas as técnicas dos nossos dias. (BOSI, 2004, p. 13).

Um fazer que se refaz e se transforma a cada repetição do drama da morte e ressurreição do Boi. Toda atividade realizada pelos personagens, na representação tem uma finalidade: divertir o público e, ao mesmo tempo, perpetuar o lendário mito do Boi.

No âmbito desta questão, podemos afirmar que o fazer do *Grupo Folclórico Boi testa Branca* apresenta-se como uma manifestação artística na medida em que traz à cena uma das versões do Boi de mamão e, ainda, promove sua propagação ao possibilitar que outros como alunos e professores se insiram no processo de preservação do mito. A estética da recepção de Hans Robert Jauss pode ser percebida no cotidiano e inter(rel)ação do Grupo, também, em sua performance diante dos espectadores que os incentiva na realização e inovação do seu.

ESPETÁCULO NO FOLCLORE: SEDUÇÃO PELA LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL

O que se observa é que o público contemporâneo “reage” melhor à encenação quando há uma linguagem descontraída, familiar e pitoresca e, ao invés de chorar, prefere rir. O riso parece superar a dor e o sofrimento; parece lavar a alma e aliviar o espírito que clama por paz e harmonia em tempos em que tudo nos aparece de certa maneira virtual ou real, mas fugaz e perene. De tal forma, os elementos (re)criados pelos grupos folclóricos que são apresentados, ao mesmo tempo, levam a plateia ao riso e ao maravilhoso pela ambiguidade de suas significâncias. Baudrillard (1992) afirma que “A estratégia da sedução é a do engano”.

Essa reflexão nos sinaliza como acontece nos improvisados gestos, cenas e figurinos dos grupos folclóricos, por exemplo, quando usam artifícios como dizer algo engraçado ou prolongar o tempo da sua apresentação, para reter e /ou distrair a atenção do público.

Nesse contexto, pode aparecer a sedução através de um gesto, um comentário, uma coreografia e, até, num improviso pelo jogo de presença-ausência da linguagem, em que elementos

da cultura contemporânea como a indumentária, acessórios e movimentos dos personagens levam a plateia à leitura prévia do espetáculo que está por vir. Como vemos nos versos: “Agora, minha gente, dê licença para entrar um bicho esquisito...”, os cantadores trazem, pela melodia, a imagem da presença da Bernúnça, mas que ainda é personagem ausente na roda, isto é, na brincadeira. Observamos que a tragédia da morte do Boi está cedendo lugar à comédia haja vista a presença de elementos que fazem as pessoas rirem e, que assim, disfarçam o temor à morte e às preocupações cotidianas.

O ato da presença que amolda em si compatíveis e incompatíveis conjecturas, possuindo em todas elas elevado grau de solução e de preparativos a posteriores entrecos, nos induz a considerá-la ora em sua natureza de algo que encerra uma unidade autônoma, ora em seu papel de algo que colabora em uma unidade que transcende, que se expande nos retábulos anteriores, posteriores ou simultâneos, mas ausente da enquadração do nosso olhar” (COUTINHO, 1980, p. 145).

A lenda do Boi é um enunciado pleno de conceitos e palavras míticas que, quando dramatizado, interagirá com o leitor/plateia. Afirma Bakhtin (2003, p. 265), que “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.”

A encenação do Bumba-meu-boi propicia-nos momentos de uso de (meta) linguagens que interagem continuamente. Tais situações, por vezes, apresentam-se de difícil compreensão. Por exemplo, num mesmo acontecimento ou apresentação folclórica é possível perceber mais de um elemento semiótico (na composição do Boi – diferentes cores e formatos de corpo e as alterações na letra da música e maneiras peculiares de chamar o Boi para o centro da roda). Neste espetáculo, vive-se um mundo cheio de signos que podem dizer tudo ou nada dada a subjetividade com que são empregados, conforme dissemos anteriormente. Sobre tais visões ou versões de mundo, Goodman (1995, p. 22-56) diz que:

As ficções – escritas, pintadas ou dançadas - são sistemas de símbolos que apresentam mundos por exemplificação metafórica. Ou, dito mais concretamente, as personagens e acontecimentos de ficção, ao exemplificarem determinadas propriedades, funcionam como sistemas de categorias que procuramos projetar para organizar as nossas experiências posteriores [...]. Os mundos são feitos não apenas pelo que é dito literalmente, mas também pelo que é dito metaforicamente, e não apenas pelo que é dito literalmente ou metaforicamente, mas também pelo que é exemplificado e exprimido – tanto pelo que é mostrado como pelo que é dito (GOODMAN, 1995, p. 22-56).

À medida que a difusão cultural amplia seu campo artístico as pessoas envolvidas nesse processo tendem a ampliar sua visão estética, conformando-a com os novos tempos e com um novo

espectador. A estética do folclore inovado e reinventado ganha espaço e receptividade entre os que cultivam e apreciam tal manifestação cultural.

Percebe-se que o mesmo Boi apresentado de Norte a Sul possui características próprias dos processos sociais e culturais vivenciados pelo povo de cada região. Nas palavras de Bakhtin (1997), “Em toda a parte a linguagem entra nos arranjos hierárquicos de poder. Cada palavra transforma-se na arena onde competem as entonações sociais.” Tais arranjos, de que fala Bakhtin, se dão pelo jogo de palavras que atuam como figuras polifônicas, já que os personagens atuam conforme a necessidade do grupo, isto é, os personagens não são fixos, pois o cantador ora pode ser o toureiro ora o palhaço e vice-versa. E cada personagem dá ao espetáculo a sua interpretação apropriando-se do improvisado e dinamicidade da situação, isto é, um personagem pode ser tantos outros quanto ele quiser. Ainda, nesse universo de linguagem multifacetada, podemos perceber traços dialógicos, na medida em que o personagem (re)cria sua atuação com vistas à receptividade da plateia, ou seja, o diálogo se faz quando o Boi, por exemplo, repete o ato de avançar ou recuar em sua performance animado pelas reações de aplausos ou espanto que vem do público.

Cabe dizer que os signos mencionados sempre tendem a significar o obscuro, o misterioso, o desconhecido, os dogmas e misticismos – é o caso da cor negra (do urubu), por exemplo - com todas as suas significações de armadilhas e mistérios. Essa reflexão reportamos à lenda origem do Boi, pois “[...] em uma noite iluminada pelos raios de luar e das estrelas que o Boi morreu”, questionamos: tal idéia seria coincidência ou prenúncio de um momento trágico por que passaria o dono do Boi e o próprio Boi?

Explicamos que cada personagem humano ou animal (Boi) só atuará como signo linguístico se for significado, isto é, carrega em si vozes do Boi que anunciarão sua morte e ressurreição.

OS ELEMENTOS-PERSONAGENS DO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

No auto do bumba-boi, não pode faltar o que chamam de toadas de cativo, como um dos amos de um tradicionalíssimo piauiense que chamam aquelas toadas, que sempre são tocadas, e não podem faltar em uma apresentação, como: o “guarnicê”, “o lá vai”, “o chegou”, “o urro”, “a despedida”.

Essas toadas compõem, no tempo do São João, as apresentações do auto resumido do bumba-boi, pela razão de que as apresentações terem obrigatoriamente de durar cerca de uma hora,

pela grande quantidade de grupos que têm de se apresentar nos terreiros dos bairros onde se têm arraiais. Os personagens desses autos são:

Dono da Fazenda – na brincadeira, o amo do boi faz as vezes do dono da fazenda, conduzindo todo o batalhão pelo terreiro; no auto é o amo quem conduz toda o ritual, sendo que o boi desaparece e os responsáveis pelo roubo são capturados e punidos.

Pai Francisco – em algumas histórias é um rico fazendeiro, mas que tinha inveja do boi da fazenda vizinha, em outras era um dos escravos que trabalhava na fazenda de onde o boi é roubado, no auto está sempre a procura do boi, cercando-o e desejando tirar-lhe a língua para dá-la à sua esposa, gestante, e deseja comer a língua do boi.

Mãe Catirina – a esposa de Pai Francisco, é quem pede a seu esposo a língua do boi para satisfazer seu desejo de grávida. Acompanha sempre Nego Chico, como também é chamado o Pai Francisco.

Índias (indígenas) – estão na trama para proteger o boi, têm em suas vestes penas de aves, no cocar, no peitoral e na saia.

Miolo – responsável por animar o boi, o miolo fica debaixo do boi dando vida ao personagem central da trama, em algumas regiões é conhecido também como tripa ou fato.

Vaqueiros – são os empregados da fazenda, que logo após o sumiço do boi, vão, a pedido do seu amigo em busca do boi e de quem o roubou.

Mutuca – são pessoas que ajudam na organização da dança, geralmente mulheres, dando água ou outras bebidas para os brincantes, contribuem para que as coisas ocorram nas apresentações.

Caboclo de fita – semelhantes aos vaqueiros, os caboclos de fita trazem em sua roupa longas fitas coloridas.

Caboclo de pena – são semelhantes aos indígenas, os responsáveis em proteger o boi, daí os Caboclos de Pena ou Caboclo Real, bailarem ao redor do boi.

METODOLOGIA

A Escola Municipal Professor Benedicto Jonas Correia, fica localizada na cidade de Parnaíba-PI, no Conjunto Joaz Souza, Bairro Rosapolis, trabalha com o ensino fundamental do 1º ao 5º ano; onde atende crianças no horário de sete horas às onze horas da manhã e das treze horas às dezessete horas da tarde de segunda a sexta-feira.

A escola atende no turno da tarde cerca de (104) crianças nas salas do 3º ano, (100) crianças nas salas de 4º ano e são atendidas (25) crianças na sala do 5º ano, oriundas de uma classe

econômica menos favorecida. A instituição apresenta estrutura física adequada para seu pleno funcionamento, além de suas salas de aula, possui uma diretoria/ secretaria, sala dos professores, banheiros, pátio amplo para a realização de atividades lúdicas e recreativas e cantina.

Na trajetória desta pesquisa são utilizadas como abordagem a pesquisa bibliográfica (o aporte teórico é advindo de referências e reflexões de obras como “As raízes históricas do conto” e “Comicidade e riso” de Vladimir Propp. Nesta perspectiva, pretende-se apreender os processos de construção de um conto e seus elementos fantásticos que são pertinentes à lenda do Boi. Em “Estética da criação verbal” e “Filosofia da linguagem” de Mikhail Bakhtin, verificam-se as tentativas de como se depreende a ideia do ser, as dimensões do eu no outro percebidas nas várias versões do auto em estudo.

Realizou-se ainda um Projeto em questão a qual teve como participantes 100 alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental da referida Escola Professor Benedicto Jonas Correia, no período 01 a 22 de agosto de 2016. Assim, como instrumento didático de alfabetização, o Auto foi contado através de leitura em voz alta pelo professor, apresentado como uma história importante, que rege as brincadeiras de Bumba-meu-Boi características dessa região.

ANALISE E DISCURSÃO DOS RESULTADOS

O processo de alfabetização em nosso país vem sofrendo mudanças conceituais e metodológicas. Pesquisas têm mostrado a necessidade de se investir em práticas diferenciadas, que proporcionem melhor aprendizado ao aluno. Segundo Soares (2004), a perplexidade do poder público e da sociedade diante do fracasso da escola em alfabetizar, evidenciadas principalmente por instrumentos de avaliações estaduais e nacionais, movimenta educadores no intuito de criar propostas de solução para esse tão grave problema.

Mas, de fato, o que é alfabetização? Para alguns educadores, nada mais é do que a aquisição de sistema alfabético de escrita. Esse processo capacita uma pessoa a ler, compreender um texto e ainda se expressar por escrito (SPARTA, 2011).

Para outros autores, como Ferreiro (1985), o processo de aprendizagem da escrita é evolutivo e não há necessidade de se estabelecer de imediato a associação entre letra e som. A autora ainda diz que é importante que a criança descubra o caráter simbólico da escrita e, para tal, precisa que se ofereçam a ela situações em que a escrita se torne objeto de seu pensamento. É imprescindível dizer que a criança precisa ser colocada em ambiente que possibilite descobertas. Ferreiro (1981) ressalta a valorização das histórias ouvidas e contadas pelas crianças e descritas

pelo professor, pois assumem significação no processo de construção da linguagem. Assim, Ferreira (2001, p. 18) assevera: “A escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de meios culturais, de diversas situações educativas e diversas línguas”.

É notório o valor da cultura popular em nossas vidas e a importância que ela assume no universo infantil, podendo ser um excelente instrumento didático, que possibilite ao aluno situações de aprendizagem, proporcionando um ambiente agradável de contextualização e de sistematização do conhecimento.

Em assim pensando, com o objetivo de alfabetizar o aluno na medida em que se apropria de sua história e preserva a memória das tradições culturais que marcam sua região, criou-se o projeto O Bumba-meu-Boi como saber pedagógico, que trabalha leitura e (re)escrita de texto narrativo, que conta a história de Catirina e Pai Francisco. A hipótese é de que assim se possibilita a identificação com o objeto de estudo e se estimula a valorização das raízes culturais. O que se busca é uma alfabetização contextualizada à realidade do aluno e com seus conhecimentos prévios. Segundo Soares (2003), alfabetização e letramento são processos interdependentes e específicos e o ideal seria alfabetizar letrando, o que significa garantir a especificidade da alfabetização, ao mesmo tempo em que se deve inserir as crianças, desde cedo, nas diferentes práticas de leitura e escrita. Moraes (2003) destacou que se o desejo é alfabetizar em uma perspectiva de letramento, deve-se proporcionar sistematicamente a apropriação da notação escrita e do seu uso social real pela criança, a fim de garantir que elas se tornem autonomamente letradas, exercitando a capacidade de ler e escrever textos com as características e finalidades que as pessoas letradas utilizam na sociedade.

Para tais fins, no Piauí, destaca-se na cultura popular o bumba-meu-boi, cujo Auto conta, como já descrita, a história de Catirina, que convence seu marido, Pai Francisco, empregado de uma fazenda, a matar o boi preferido do seu patrão, no intuito de realizar o desejo de comer a língua do boi.

O texto e seus personagens foram ampliados e anexados na sala de aula, com o objetivo de possibilitar a visualização da escrita e a identificação dos personagens pela turma. Os alunos são estimulados a ler individualmente o texto ampliado e a discutirem, em uma roda de conversa, as informações relevantes obtidas pela leitura, fazendo assim suas interpretações.

Em seguida, com a intencionalidade de trabalhar a memória, a expressão oral, a articulação de fala, o pensamento lógico, a coerência, a coesão e capacidade de síntese, foi solicitado aos alunos que recontassem, em duplas, a história de Catirina e Pai Francisco. Nesse

momento os alunos contam a história da maneira como a entenderam, apropriando-se da narrativa. Por ser um trabalho realizado em duplas, pratica-se também o respeito pela fala do colega, exercitando a capacidade de ouvir e aprender a esperar o momento de sua fala.

Para favorecer a reflexão sobre a escrita os alunos foram orientados a fazer individualmente a reescrita do texto, segundo suas próprias hipóteses de apropriação da linguagem escrita, sem interferência direta da professora no momento dessa produção.

Isso se mostra consoante à observação das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1986), que defendem uma alfabetização contextualizada e significativa, através da transposição didática das práticas sociais da leitura e de escrita para a sala de aula e consideram a descoberta do princípio alfabético como uma consequência da exposição aos usos da leitura e da escrita. Devem ocorrer de uma forma reflexiva, a partir da apresentação de situações problema nas quais os alunos revelem espontaneamente as suas hipóteses e sendo levados a pensar sobre a escrita, cabendo ao professor o papel de intervir de forma a tornar mais efetiva esta reflexão.

Como uma forma lúdica de trabalhar a estrutura do texto narrativo os alunos foram desafiados a montar a história de Catirina e Pai Francisco como se fosse uma brincadeira de quebra-cabeças. O texto, entregue pela professora, digitando e cortado em tiras, deveria ser montado e colado em uma folha, seguindo a ordem dos acontecimentos.

Um tabuleiro de perguntas baseados no Auto do Bumba-Boi proporcionou um momento de descontração para a turma. As duplas jogavam dois dados e o resultado da soma correspondia a uma pergunta interpretativa sobre o texto que estava sendo trabalhado.

O momento da confecção de um dos personagens, o principal, o boi, levou os alunos a utilizarem material reciclável – questão levantada como elemento sensibilizador acerca das práticas relacionadas à conscientização dos seres humanos sobre o meio ambiente, no que tange principalmente à importância do reaproveitamento dos recursos que iriam para o lixo.

A atividade final do projeto, a representação do Bumba-meu-boi teve como objetivo maior desenvolver, entre outras capacidades, a expressão oral, corporal, a organização da equipe e o discurso em público. Toda a turma se envolveu na produção da apresentação, assistida pela comunidade escolar na festa junina de encerramento do primeiro semestre.

No sentido do exposto, os Referenciais Curriculares para Educação Infantil (1998) - que podem ser aqui citados porque, embora o projeto tenha sido executado no Ensino Fundamental, a faixa etária trabalhada se mostra de transição, entre àquela da Educação Infantil e do Ensino Fundamental- orientam que a prática do professor poderá imprimir maior qualidade à sua ação



educativa ao garantir o prazer lúdico como gerador do processo de produção. A apresentação, também como uma forma lúdica, concretizou um processo de contextualização e sistematização dos conhecimentos desenvolvidos em sala, além de fortalecer nas crianças maranhenses as origens da cultura de sua região. Nos mesmos Referenciais se afirma, ainda, que as diferentes aprendizagens se dão por meio de sucessivas reorganizações do conhecimento, e este processo é protagonizado pelas crianças quando podem vivenciar experiências, que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma não simplificada e associados a práticas sociais reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tencionamos, aqui, contribuir com os estudos que visem o aprimoramento do processo de Educação, elegendo a palavra folclore como geradora. Notamos que as brincadeiras do Boi além de divertir educam. Saber perpetuá-lo a cada nova construção é um processo que se dá pela interação de novos grupos folclóricos, sejam eles de alunos ou não o que torna uma aprendizagem ímpar. Consideramos que a apropriação de tal manifestação folclórica poderia ser um excelente instrumento de educação para crianças do ensino fundamental e incluímos, aqui, a sugestão de um projeto pedagógico e transversal que dinamize o processo de ensino e aprendizagem. Apontamos caminhos que conduzam leitores/educadores à importância do cultivo, vivência e uso do mito e folclore no contexto educativo.

Fica a certeza da busca universal da consciência de perpetuação da cultura, da arte do povo, através de suas linguagens naturais, fazendo imergir novas figuras e elementos enunciadores de tipos existenciais presentes no cotidiano, que a nosso ver, devam ser de paz e solidariedade entre povos de linguagens e culturas tão diferentes. Embora esse trabalho tenha refletido sobre a constante mudança e inovação na perpetuação e valorização do folclore e cultivo Bumba-meu-boi do *Grupo Folclórico Boi testa Branca*, esperamos que seja, também, um recurso para aqueles que buscam incansavelmente alternativas prazerosas e dinâmicas na arte de ensinar.

REFERENCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HECITEC, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1999.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *A Compreensão do sistema de escrita*. 1ed., Barcelona, 1981.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 24 ed., São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY A. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GOODMAN, Nelson. *Modos de fazer mundos*. Porto Codex, Portugal: ASA, 1995.

MORAIS, A. G. *Alfabetização numa perspectiva para o letramento: conciliando a escrita alfabética com o trabalho com texto*. Comunicação apresentada no curso Desafios da alfabetização, do programa de Formação Continuada dos Educadores da Rede Municipal de Ensino. Recife: 2003.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

SOARES, M. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. In: *Anais...Reunião Anual da ANPED*, 26, Caxambu/MG, outubro de 2003.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. São Paulo, Revista Pátio, nº 29, fev. 2004. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/18892732/Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares1>. Acesso em: 10 set. 2016.

SPARTA, Regina. *Alfabetizar na educação infantil. Pode?* São Paulo, Revista Brasileira de Orientação Profissional. 2011. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/alfabetizareducacao-infantil-pode-424823.shtml> revista nova escola 2012. Acesso em 27 set.2016.